

Sucessão põe banqueiros desconfiados

Belo Horizonte — O ex-ministro Celso Furtado disse, em Belo Horizonte, que o Brasil não conseguirá, com o Fundo Monetário Internacional, "nem mesmo uma renegociação para o próximo ano". Ele garantiu que os banqueiros credores "estão muito cautelosos" diante da possibilidade de a economia brasileira sofrer alterações profundas após a sucessão presidencial e já pressionaram as autoridades monetárias do país a obterem, dos candidatos à presidência, compromissos de manterem o que for acertado pelo atual governo com o Fundo.

Celso Furtado, que assessora o governador Tancredo Neves na elaboração de seu programa econômico de governo, informou que o ministro Delfim Netto não conseguiu ainda a renegociação porque deveria apresentar esta "espécie de carta branca" dos candidatos. Assegurou que Tancredo, em recente encontro com o ministro do Planejamento, ocorrido no Rio, "foi categórico ao dizer que não dá nenhuma autorização" para que a nova negociação com o FMI seja apresentada também em seu nome.

Ele disse, também, que os próprios banqueiros credores já querem transferir as negociações para outubro, quando o processo sucessório, em suas opiniões, estará praticamente definido, e será conhecida a posição do próximo presidente com relação ao Fundo. A posição do governador Tancredo Neves, como candidato, segundo Celso Furtado "é clara: trata-se de assumirmos plenamente a nossa soberania, não deixando que o FMI passe a ditar a nossa política salarial ou a nossa política interna brasileira". Ele acrescentou que Tancredo quer continuar com a ajuda do Fundo, mas não nas condições impostas atualmente.

Argentina

Buenos Aires — O ministro de Economia, da Argentina, Bernardo Grinspun, alvo de duras críticas nas últimas semanas por parte de setores empresariais e trabalhistas e da oposição, saiu fortalecido com o anúncio feito ontem, em Washington, sobre um acordo provisório com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Há que felicitar Grinspun pela negociação", declarou ontem à noite o presidente Raúl Alfonsín.

A gerência do FMI informou na véspera ao comitê assessor dos bancos credores da Argentina que "foram conseguidos acordos significativos sobre uma série de objetivos fundamentais do programa argentino", explicitado numa controvertida "carta de intenções" que o governo de Alfonsín enviou unilateralmente ao FMI no dia 9 de junho passado.